Filosofia Antiga I – Resumos de «HISTÓRIA DA FILOSOFIA - Filosofia Pagã Antiga» de Reale

1ª PARTE: As Origens Gregas do Pensamento Ocidental

 Génese, natureza e desenvolvimento da filosofia antiga

* Génese da filosofia entre os gregos – A filosofia como criação do génio helénico

A filosofia, como termo ou conceito, é considerada pela maioria dos estudiosos como criação própria do génio dos gregos. Por causa das suas categorias racionais, foi a filosofia que possibilitou o nascimento da ciência, e em certo sentido, a gerou. E reconhecer isto significa também reconhecer aos gregos o mérito de terem dado uma contribuição verdadeiramente excepcional à história da civilização.

* As formas da vida grega que prepararam o nascimento da filosofia

A filosofia surgiu na Grécia porque, justamente na Grécia, formou-se uma temperatura espiritual particular e um clima cultural e político favoráveis.

As fontes das quais derivou a filosofia helénica foram:

- A poesia

- A religião

- As condições sociopolíticas adequadas

A POESIA: Esta antecipou o gosto pela harmonia, pela porção e pela justa medida e um modo particular de fornecer explicações remontando às causas, mesmo que em nível fantástico-poético.

A RELIGIÃO: A religião grega distinguiu-se em religião pública e em religião dos mistérios. A religião pública considera os deuses como forças naturais ampliadas na dimensão do divino, ou como aspectos característicos do homem sublimados. A religião dos mistérios (órfica) considera o homem o modo dualista: como alma imortal, concebida pelo demónio, que por culpa originária foi condenada a viver em corpo, entendido como tumba ou prisão. Do orfismo deriva a moral que põe limites precisos a algumas tendências irracionais do homem. O que agrupa essas duas formas de religião é a ausência de dogmas fixos e vinculantes em sentido absoluto.

AS CONDIÇÕES SOCIOPOLÍTICAS ADEQUADAS: Os gregos alcançaram um certo bem-estar e notável liberdade política, a começar pelas colónias do Oriente e do Ocidente, até ao ponto de identificar o “indivíduo” como “cidadão” e de ligar estreitamente a ética com a política.

* Os poemas homéricos e os poetas gnómicos

Para compreender a filosofia de um povo e de uma civilização é necessário fazer referência a:

- Arte

- Religião

- Condições sociopolíticas do povo em questão

ARTE: Com efeito, a grande arte, de modo mítico e fantástico, ou seja, mediante a intuição e a imaginação, tende a alcançar objectivos que também são próprios da filosofia.

RELIGIÃO: Analogamente, por meio da fé, a religião tende a alcançar certos objectivos que a filosofia procura atingir com os conceitos e com a razão.

CONDIÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DO POVO: São as condições socioeconómicas e políticas que frequentemente condicionam o nascimento de determinadas ideias que, de modo particular no mundo grego, ao criar as primeiras formas de liberdade institucionalizada e de democracia, tornam possível o nascimento da filosofia, que se alimenta especialmente da liberdade.

Antes do nascimento da filosofia, os poetas tinham uma importância extraordinária na educação e na formação espiritual do homem grego. O helenismo inicial procurou o alimento espiritual de modo predominante nos poemas homéricos, ou seja, na *Ilíada* e na *Odisseia.*

Os poemas homéricos apresentam algumas peculiaridades que os diferenciam de poemas que se encontram na origem da civilização de outros povos, pois já contêm algumas das características do espírito grego que se demonstrarão essenciais para a criação da filosofia.

1. Homero tem grande senso da harmonia, da proporção, do limite e da medida
2. Não se limita a narrar uma série de factos, pesquisa então causas e razões
3. Procura de diversos modos apresentar a realidade em sua inteireza, ainda de que forma mítica (deuses e homens, bem e mal)

Para os gregos também foi muito importante Hesíodo com a sua Teogonia, que relata o nascimento de todos os deuses. A teogonia torna-se também cosmogonia, ou seja, explicação mítico-poética e fantástica de génese do universo e dos fenómenos cósmicos, a partir do Caos originário, que foi o primeiro a se gerar. Este poema abriu o caminho para a posterior cosmologia filosófica, que, ao invés de usar a fantasia, buscará com a razão o “principio primeiro” do qual tudo se gerou.

Os poetas líricos fixaram de modo estável outro conceito: a noção de limite, ou seja, a ideia de nem demasiadamente muito nem demasiadamente pouco, isto é, o conceito da justa medida, que constitui a conotação mais peculiar do espírito grego e o centro do pensamento filosófico clássico.

* A religião pública e os mistérios órficos

- As duas formas de religião grega

Para compreender a génese da filosofia grega é necessário fazer referência à Religião. Quando se fala na religião grega, é necessário distinguir entre a Religião pública (firma o seu modelo na representação dos deuses e do culto que nos foi dada por Homero) e a Religião dos Mistérios. Há muitos elementos em comum entre estas duas formas de religiosidade mas também importantes diferenças que, em certos pontos de destaque, se tornam verdadeiras antíteses. Ambas são importantes para explicar o nascimento da filosofia, com especial destaque para a segunda.

- Alguns traços essenciais da religião pública

Para Homero e para Hesíodo pode dizer-se que tudo é divino, pois tudo o que acontece é explicado em função de intervenções dos deuses. Os fenómenos naturais são promovidos por numes (deuses): raios e relâmpagos são arremessados por Zeus do alto Olimpo, as ondas do mar são provocadas pelo tridente Poseidon, o sol é levado pelo áureo carro de Apolo, etc. Mas também a vida social dos homens, a sorte, as guerras e a paz são imaginadas como vinculadas aos deuses de modo não acidental e, por vezes, até de modo essencial.

Estes deuses são forças naturais personificadas em formas humanas idealizadas, ou então são forças e aspectos do homem sublimados e fixados em esplêndidas figuras antropomórficas. Zeus é a personificação da justiça; Atenas da inteligência; Afrodite do amor, etc. Estes deuses são, pois, homens amplificados e idealizados, e portanto, diferentes do homem comum apenas por quantidade e não por qualidade. É por isso que os estudiosos classificam a religião pública dos gregos como uma forma de “naturalismo”, uma vez que ela pede ao homem não propriamente que ele mude a sua natureza, ou seja, que se eleve acima de si mesmo; ao contrário, pede que siga a sua própria natureza. Tudo o que se pede ao homem é fazer em honra dos deuses o que está em conformidade com a sua própria natureza. Da mesma forma que a religião pública grega foi “naturalista”, também a primeira filosofia grega o foi.

- O Orfismo e suas crenças essenciais

Nem todos os gregos consideravam suficiente a religião pública e, por isso, desenvolveu-se a religião dos mistérios com as próprias crenças e com próprias práticas.

Entre os mistérios, os que mais influenciaram a filosofia grega foram os mistérios órficos.

O Orfismo e os Órficos derivam o seu nome do poeta trácio Orfeu, seu suposto fundador. O Orfismo é particularmente importante porque introduz na civilização grega um novo esquema de crenças e nova interpretação da existência humana. Ao passo que Homero considerava o homem como mortal, ponde na morte o fim da sua existência, o Orfismo proclama a imortalidade da alma e concebe o homem conforme o esquema dualista que contrapõe o corpo à alma.

**Crenças órficas:**

1. No homem hospeda-se um princípio divino, um demónio (alma) que caiu num corpo por causa de uma culpa originária;
2. Este demónio não apenas preexiste no corpo, mas também não morre com o corpo, pois está destinado a reencarnar-se em corpos sucessivos, a fim de expiar aquela culpa originária;
3. Com os seus ritos e práticas, a “vida órfica” é a única em grau de pôr fim ao ciclo das reencarnações e de, assim, libertar a alma do corpo;
4. Para quem se purificou há um prémio do além.

É possível ver em algumas lâminas órficas frases que transmitem que o último destino do homem é o de “voltar a estar junto dos deuses”.

Com este novo esquema de crenças o homem vê assim a contraposição de dois princípios em contraste e luta: a alma (demónio) e o corpo (tumba).

Rompe-se assim a visão naturalista: o homem compreende que algumas tendências ligadas ao corpo devem ser reprimidas, ao passo que a purificação do elemento divino torna-se o objectivo de viver.

Sem o Orfismo Não se explicaria Pitágoras, nem Heráclito, nem Empédocles e, sobretudo, não se explicaria uma parte essencial do pensamento de Platão; ou seja, não se explicaria grande parte da filosofia antiga.

- Falta de dogmas e de seus guardiões na religião grega

Os gregos não tiveram livros sagrados ou considerados fruto de revelação divina. Não tiveram uma dogmática fixa e imutável, os poetas constituíram o veículo de difusão de suas crenças religiosas. Essa inexistência de dogmas e guardiões deixou ampla liberdade para o pensamento filosófico, que não se deparou com obstáculos que teria encontrado em países orientais, onde a livre especulação enfrentaria resistência e restrições dificilmente superáveis.

* As condições sociopolítico-económicas que favoreceram o surgimento da filosofia

Os gregos possuíram uma liberdade política de que os gregos se beneficiaram em relação aos povos orientais. O homem ocidental era obrigado a um obediência tanto ao poder religioso como ao poder público, coisa que o grego saiu privilegiado pois conseguiu construir instituições políticas livres.

Em VII e VI A.C, a Grécia deixou de ser um país predominantemente agrícola, desenvolvendo o artesanato e o comércio. Para isso, houve necessidade de criar centros comerciais, que acarretaram forte conhecimento demográfico. Este grupo de artesãos e comerciantes alcançaram forte força económica e opôs-se à concentração do poder político que estava na mão da nobreza fundiária.

A filosofia nasce primeiro das colónias e não na mãe-pátria, primeiro nas colónias Orientais da Ásia Menor (Mileto) e depois nas colónias Ocidentais da Itália Meridional – As colónias, com a sua operacionalidade e comércio, alcançaram primeiro a situação de bem-estar e, por causa da distância da mãe-prátria, puderam construir instituições livres antes mesmo que ela. Depois passou (a filosofia) para a mãe-pátria (alcançou os cumes em Atenas) na cidade onde floresceu a maior liberdade de que os gregos gozaram.

Com a constituição e consolidação da polis (cidade-estado) o grego deixou de sentir qualquer vínculo à sua liberdade e expôs-se como cidadão.

O estado tornou-se o horizonte ético do homem grego e assim permaneceu até à era helenista. Os cidadãos sentiram os fins do estado como os seus próprios fins, o bem do estado como seu próprio bem e a liberdade do estado como a sua própria liberdade.

* Conceito e objectivo da filosofia antiga

Filosofia: Amor pela sabedoria; tem como objecto de estudo a realidade de todas as coisas, usa o método racional e nisto tem contactos com a ciência. Tem como fim o puro conhecimento da verdade (a contemplação da verdade – é considerada o momento supremo da vida do homem, fonte de verdadeira felicidade).

* As conotações essenciais da filosofia antiga

- A filosofia como “amor de sabedoria”

O criador do termo “filo-sofia” foi Pitágoras. O termo certamente foi cunhado por um espírito religioso que pressupunha ser possível só aos deuses uma sabedoria, posse certa e total do verdadeiro, enquanto que ao homem pressupunha uma aproximação com o verdadeiro.

A filosofia apresentou três conotações, referentes:

1. Ao seu *conteúdo*
2. Ao seu *método*
3. Ao seu *objectivo*

- O conteúdo da filosofia

A filosofia quer explicar a totalidade das coisas, ou seja, a realidade toda.

 ***“Qual é o principio de todas as coisas?”***

A filosofia propõe-se como objecto a totalidade da realidade do ser, isto é, das coisas. O “porquê” das coisas.

- O método da filosofia

O que vale em filosofia é o argumento da razão, a motivação lógica, o logos. A filosofia deve ir além dos factos e das experiências, para encontrar a causa ou as causas apenas com a razão. É neste carácter de busca de razões e causas que confere “cientificidade” à filosofia. A filosofia é portanto a pesquisa racional de toda a realidade.

Diferença entre filosofia, arte e religião:

Religião

Arte

Filosofia

Capta o sentido da totalidade do real através da crença e da fé.

Capta o sentido da totalidade do real através do mito e da fantasia.

Capta o sentido da totalidade do real através do *Logos.*

- O escopo da filosofia

O propósito da filosofia está no puro desejo de conhecer e contemplar a verdade. Para Aristóteles os homens, ao filosofar, buscam o conhecer a fim de saber e não para conseguir alguma utilidade prática. Só à filosofia consideramos livre, pois só ela é fim a si mesma.

* A filosofia como necessidade primária do espírito humano

Tal necessidade (de filosofar) se enraíza na própria natureza do homem, pois todos os homens aspiram saber e os homens tendem ao saber porque se sentem cheios de “estupor” ou de “maravilhamento”. No princípio ficavam maravilhados com os problemas mais simples depois foram progredindo até aos problemas relativos à origem de todo o universo. A raiz da filosofia é precisamente esse “maravilhar-se”. A razão desse “maravilhar” é a do homem perguntar-se sobre a sua origem bem como o lugar que ele próprio ocupa neste universo.

Eu existo? – São problemas que o homem não pode deixar de se propor.

O todo tem sentido e terá sempre enquanto o homem se maravilhar diante do ser das coisas e diante do seu próprio ser.

* As fases e os períodos da história da filosofia antiga

A filosofia antiga grega e greco-romana tem uma história mais que milenar.

1. O período *naturalista*: Caracterizava-se pelo problema da *physis* (da natureza) e do cosmo e que, entre os séculos VI e V a.C., viu sucederem-se os Jónios, os Pitagóricos, os Eleatas, os Pluralistas e os Físicos ecléticos.
2. O período *humanista*: Coincide com a última fase da filosofia naturalista, tendo como protagonistas os Sofistas e Sócrates, que pela primeira vez procura determinar a essência do homem.
3. O momento das *grandes sínteses* de Platão e Aristóteles, que coincide com o século IV a.C., caracterizando-se pela descoberta do supra-sensível e pela explicitação e formulação orgânica de vários problemas da filosofia.
4. Período das *Escolas Helenísticas*: Vai da conquista de Alexandre Magno até ao fim da era pagã e vê surgirem os grandes movimentos do Epicurismo, do Estoicismo, do Cepticismo e a posterior difusão do Ecletismo.
5. Período religioso do pensamento véteropagão: É caracterizado sobretudo por um grandioso renascimento do Platonismo, que culminará com o movimento neoplatónico.
6. Período do *pensamento cristão*: Tenta formular racionalmente o dogma da nova religião e defini-lo à luz da razão, com categorias derivadas dos filósofos gregos.

2ª PARTE: A Fundação do Pensamento Filosófico

* Os Naturalistas pré-socráticos

Os “Naturalistas” ou filósofos da “physis”

* Os primeiros Jónios e a questão do “princípio” de todas as coisas
* Tales de Mileto

O pensador ao qual a tradição atribui o começo da filosofia grega é Tales, que viveu em Mileto, na Jónia, provavelmente nas últimas décadas do século VII e na primeira metade do século VI a.C. Foi iniciador da filosofia da *physis,* pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que tal princípio é a **água**.

O “princípio” é:

- A fonte e origem de todas as coisas;

- Termo último de todas as coisas;

- Sustentáculo permanente de todas as coisas.

Em suma, pode ser definido como aquilo do qual provêm, aquilo do qual se concluem e aquilo pelo qual existem e subsistem todas as coisas.

Tales identificou a água como princípio, pois constatou que este elemento líquido está presente em todo o lado que há vida, logo, onde não há água, não há vida.

Tales fundamenta as suas afirmações sobre o raciocínio puro, sobre o *logos*; apresenta uma forma de conhecimento motivado com argumentações racionais precisas.

Relação do “princípio” com a “água” e as suas implicações:

A água é a fonte última de vida já que tudo está ligado à humidade. Tudo vem da água, tudo sustenta a sua vida com água e tudo termina na água. Mas não se deve acreditar que a água de Tales é o elemento físico-químico que hoje bebemos, esta água deve ser pensada de modo *totalizante*.

- A água de Tales é divina.

Introduz-se uma nova concepção: **Deus**.

Ao afirmar que “tudo está cheio de deuses”, Tales queria dizer que tudo é permeado pelo princípio originário, ou seja, pela vida, tudo é vivo e tudo tem alma.

Onde predomina a Razão e destina-se a eliminar logo todos os deuses do politeísmo fantástico-poético dos gregos.

* Anaximandro de Mileto

Discípulo de Tales, elaborou um tratado *Sobre a natureza*. Sustenta que a água já é algo derivado e que o “princípio” (arché) é o **infinito**, ou seja, uma natureza (physis) in-finita e in-definida, da qual provêm todas as coisas que existem.

O termo usado por Anaximandro é *á-peiron*, que significa aquilo que está *privado de limites*, tanto externos como internos.

Pode dar origem a todas as coisas; todas as coisas se geram a partir dele.

Em Anaximandro, tal como em Tales, Deus torna-se o Princípio, ao passo que os deuses tornam-se os mundos, os universos que são numerosos. O princípio divino não nasce nem perece (morre, acaba), os universos divinos nascem e perecem ciclicamente.

Para Anaximandro a causa da origem de todas as coisas é uma espécie de “injustiça”, enquanto a causa da corrupção e da morte é uma espécie da “expiação” (castigo) de tal injustiça.

O mundo é constituído por uma série de *contrários*, que tendem a *predominar um sobre o outro* (ex. calor e frio). A injustiça consistiria precisamente nessa predominância.

Como o princípio é contrário os mundos também o são, visto que o nosso mundo coexiste ao mesmo tempo com uma série de outros mundos (todos eles nascem e morrem de modo análogo).

Génese do cosmo: De um movimento que é eterno, geram-se os primeiros dois contrários fundamentais: o frio e o calor. Originalmente de natureza líquida, o frio teria sido em parte transformado pelo fogo-calor, que formava a esfera periférica, no ar. A esfera fogo ter-se-ia divido em três, a esfera do sol, a esfera da lua e a esfera dos astros. O elemento liquido ter-se-ia recolhido nas cavidades da terra, constituindo os mares.

A terra permanece suspensa sem estar sustentada, mas continua firme devido a uma espécie de equilíbrio das forças. Sob acção do sol, devem ter nascido do elemento líquido os primeiros animais, e pouco a pouco surgem os mais complexos.

* Anaxímenes de Mileto

Estabelece um modelo entre o ar universal e o ar do ser humano (uma pessoa deixa a vida quando largo o último suspiro (ar)). A natureza necessita de ar para viver.

Anaxímenes pensa que o “princípio” deva ser **infinito**, mas que deva ser pensado como ***ar infinito***. O ar é um princípio físico que consegue estar sempre entre as mudanças climáticas.

*Exactamente como a nossa alma (ou seja, o princípio que dá a vida), que é ar, se sustenta e se governa, assim também o sopro e o ar abarcam o cosmo inteiro.*

AR = DIVINO

Anaxímenes escolheu o ar como “princípio” pois ele sentia necessidade de introduzir uma realidade originária que dela permitisse deduzir todas as coisas (de modo mais lógico e mais racional do que fizera Anaximandro).

O ar presta-se muito bem. O ar transforma-se consoante as necessidades para fazer nascer diversas coisas.

Ao se condensar resfria-se e torna-se em água e depois terra, ao se distender e dilatar, esquenta e torna-se fogo.

A variação de tensão da realidade originária dá origem a todas as coisas.

Anaxímenes representa a expressão mais rigorosa e mais lógica do pensamento da Escola de Mileto pois, como processo de “condensação” e “rarefacção”, ele introduz a causa dinâmica da qual Tales ainda não havia falado e que Anaximandro determinara inspirando-se apenas em concepções órficas.

* Heráclito de Éfeso

Heráclito de Éfeso herda dos milésios o conceito de dinamismo universal. “Tudo escorre” é a proposição emblemática de Heráclito, e indica o facto de que o devir é uma característica estrutural de toda a realidade.

É uma guerra de opostos, que no conjunto se compõe em harmonia de contrários.

O mundo é, portanto, guerra nos particulares, mas paz e harmonia no conjunto.

O princípio para Heráclito é o **fogo** (perfeita expressão de movimento contínuo e da dinâmica da guerra dos contrários).

O fogo está estreitamente ligado com o conceito de racionalidade (=Logos), razão de ser da harmonia do cosmo.

* A doutrina do “tudo escorre”

Os filósofos de Mileto notaram o dinamismo universal das coisas.

Que nascem, crescem e perecem.

O dinamismo como característica essencial do próprio “princípio” que gera, sustenta e reabsorve todas as coisas.

Heráclito diz que “tudo se move”, “tudo escorre”, ou seja, nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta, sem excepção.

*“Não se pode descer duas vezes no mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, pois, por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança, ela se dispersa e se reúne, vem e vai. (…) Nós descemos e não descemos pelo mesmo rio, nós próprios somos e não somos.”*

O rio é “aparentemente” sempre o mesmo, mas, “na realidade”, é constituído por águas sempre novas e diferentes, que sobrevêm e se dispersam, por isso não se pode descer duas vezes na *mesma* água do rio.

Heráclito pode muito bem dizer que nós entramos e não entramos no mesmo rio, como também pode dizer que nós *somos* e *não somos*, porque, para ser aquilo que *somos* em determinado momento, devemos *não-ser-mais* aquilo que éramos no momento anterior, do mesmo modo que, para *continuarmos a ser*, devemos continuamente *não-ser-mais* aquilo que somos em cada momento.

* A doutrina da “harmonia dos contrários”

O devir ao qual tudo está destinado caracteriza-se por contínua passagem de um contrário ao outro: as coisas frias aquecem, as quentes se resfriam, o jovem envelhece, etc. Há uma guerra perpétua entre os contrários que se aproximam.

A *guerra* revela-se essencial: “A guerra é mãe de todas as coisas e de todas coisas é rainha.” Trata-se de uma guerra que, ao mesmo tempo, é paz, e de um contraste que é, ao mesmo tempo, harmonia – Harmonia dos contrários.

* Identificação do “princípio” com o fogo e com a inteligência

Heráclito indicou o **fogo** como “princípio” fundamental, e considerou todas as coisas como transformações do fogo. O fogo expressa de modo exemplar as características de mudança contínua, do contraste e da harmonia. O fogo está em constante movimento:

Morte do combustível Cinzas Fumaça Vapores

Este fogo é como “raio que governa todas as coisas”. E aquilo que governa todas as coisas é “*inteligência*”, é “*razão*”, é “*logos*”, é “*lei racional*”. Para Heráclito a verdade consiste em captar, para além dos sentidos, a inteligência que governa todas as coisas.

* Natureza da alma e destino do homem

Tal como o orfismo, Heráclito afirmava que a vida do corpo é a mortificação da alma e a morte do corpo é a vida da alma. Acreditava em castigos e prémios depois da morte.

* Os pitagóricos e o número como “princípio”

Teses pitagóricas:

1. O homem tem alma;
2. No momento da morte, a alma deixa o corpo para passar para outro corpo (reencarnação);
3. Exista uma existência da morte no corpo.
* Os números como “princípio”

Para Pitágoras o princípio da realidade não é um elemento físico, mas o “número”. Todos os fenómenos mais significativos acontecem segundo uma realidade mensurável e exprimível com os números. O número é a causa de cada coisa e determina a sua essência e relação com as outras. Os elementos do número, ou seja, “limite”, são o fundamento último da realidade. Cada número é síntese destes dois elementos.

Prevalece o limite

Prevalece o ilimitado

Impares

Pares

Se tudo é número, tudo é “ordem” (*kosmos*) o universo inteiro aparece como *kosmos* que deriva dos números.

Pitágoras: Nasceu em Samos. Os crotonienses, temendo que Pitágoras quisesse tornar-se tirano da cidade, incendiaram o prédio em que se encontrava reunido com os seus discípulos. Pitágoras morreu nestas circunstâncias. Não há grandes ensinamentos a nível de escrita, predominando o oral. O número foi indicado como “princípio”. Não é possível falar do pensamento de Pitágoras, considerado individual, mas sim do pensamento dos Pitagóricos.

Número (componentes) – “Princípio”

Os pitagóricos foram os primeiros a dedicarem-se às matemáticas e fizeram progredir. Nutridos por elas, acreditam que os princípios delas fossem o de todas as coisas.

Como as coisas eram feitas à imagem dos “números”, os seus elementos eram os elementos de todas as coisas e todo o universo era a harmonia e os números.

Os Pitagóricos acreditavam que viam mais nos números do que no fogo, água e ar. A descoberta de que em todas as coisas existe uma regularidade matemática, ou seja, numérica.

As músicas e os sons, à qual os pitagóricos dedicavam grande atenção são traduzíveis em determinações numéricas, ou seja, em números.

Os pitagóricos descobriram as relações harmónicas de oitava, de quinta e de quarta, bem como as leis numéricas que as governam. E mais, descobriram as leis numéricas que determinam os anos, as estações, etc. O número está assim envolvido nestes fenómenos.

Justiça: espécie de contra partida – 4 ou 9 (2x2 ou 3x3)

Ciência + inteligência: persistência e imobilidade – 1 (opinião imutável)

Para nós o número é uma abstracção mental, para eles o número não era um aspecto que nós mentalmente abstraímos das coisas, mas sim a própria realidade, a *physis* das próprias coisas.

* Os elementos dos quais derivam os números

Todas as coisas derivam dos números, no entanto, os números não são o *primum* absoluto, mas eles mesmos derivam de outros “elementos”. Os números são uma quantidade que pouco a pouco se delimita.

Dois elementos que constituem o número:

1. Indeterminado ou ilimitado – pares – menos perfeitos – feminino - rectangulares



 2

Podemos notar que o número par deixa um campo vazio para a flecha não encontra um limite, o que mostra o seu defeito.

1. Determinante ou limitante – ímpares – mais perfeitos – masculino - quadrados



O número ímpar apresenta sempre uma unidade a mais que os delimita e determina.

O “um” de Pitágoras não é par nem ímpar é “parímpar”. O “zero” era desconhecido. O “dez” foi identificado como número perfeito, formado pelos primeiros quatro números e tendo o número 4 em cada lado. No 10 estão todas as relações numéricas: de igualdade, a de menos-mais, cúbicos, etc.

1+2+3+4

O 1 equivale ao ponto, o 2 à linha, o 3 ao triângulo, o 4 à pirâmide – todos estes números são princípios e elementos primos das realidades a eles homogéneas.

* Passagem do número às coisas e fundamentação do conceito de cosmo

Se o número é ordem e se tudo é determinado pelo número, então tudo é ordem. E “ordem” se diz kosmos em grego, os Pitagóricos chamaram o universo de “cosmo”, ou seja, “ordem”.

Cosmo: conjunto de todas as coisas. O céu, terra, deuses e homens são mantidos por uma ordem, cosmo.

*Os céus girando segundo o número e a harmonia, produzem”celeste música de esferas, belíssimos concertos, que nossos ouvidos não percebem ou não sabem mais distinguir, por estarem habituados desde sempre a ouvi-los.”*

Todas as coisas que se conhecem têm número, sem este, não seria possível pensar ou conhecer nada. O homem aprendeu a ver o mundo como a ordem perfeitamente penetrável pela razão.

* Pitágoras, o Orfismo e a “vida pitagórica”

A ciência pitagórica era cultivada como meio para alcançar um fim. Consistia na prática de um tipo de vida apto a purificar e a libertar a alma do corpo.

Pitágoras foi o primeiro a sustentar a doutrina da *metempsicose*, ou seja, a doutrina segundo a qual a alma, devido a uma culpa originária, é obrigada a reencarnar-se em sucessivas existências corpóreas para expiar aquela culpa.

O fim da vida é libertar a alma do corpo e para alcançar tal fim é preciso purificar-se. Os pitagóricos introduziram o conceito do repto agir humano como tornar-se “seguidor de Deus”. Para os Pitagóricos o fim era tornar-se seguidor de Deus e viver em comunhão com a divindade.

Os Pitagóricos foram os indicadores daquele tipo de vida que se chamaria de *bios theoretikós*, “vida contemplativa”, ou seja, uma vida dedicada à busca da verdade e do bem através do conhecimento, que é a mais alta “purificação”.

* Xenófanes de Cólofon

Nasceu em Cólofon, a sua problemática é de carácter teológico e cosmológico – pensador independente.

Critica pela primeira vez toda a forma de antropomorfismo e considera o elemento “terra” como o princípio do nosso planeta.

* Crítica à concepção tradicional dos deuses

Critica a concepção dos deuses que Homero e Hesíodo fixaram de forma exemplar e que era própria da religião pública e do homem grego.

Identificam de modo perfeito erro de fundo do qual brotam todos os absurdos ligados a esta concepção. O erro consiste no antropomorfismo (atribuir aos deuses formas exteriores, características que são próprias do homens).

Mas o mais grave é que o homem tende a atribuir aos deuses tudo aquilo que eles mesmos fazem, não só para o bem, como para o mau, o que é um absurdo.

É contestada a credibilidade dos deuses tradicionais e dos seus aclamados cantores. Os grandes poetas pelos quais os gregos se haviam formado espiritualmente declaram-se porta-voz de mentiras.

Xenófanes também desmitifica várias explicações míticas dos fenómenos naturais que atribuíram aos deuses.

A filosofia mostra assim a sua forte carga inovadora, demonstrando crenças seculares que se consideram muito sólidas, contesta-lhes qualquer validade revoluciona inteiramente o modo de ver Deus.

Depois das críticas de Xenófanes, o homem ocidental não poderá nunca mais conceber o divino segundo formas e medidas humanas.

As categorias de que Xenófanes dispunha para criticar o antropomorfismo e denunciar a falácia da religião tradicional eram as categorias derivadas da filosofia da *physis* e da cosmologia jónica.

Afirma que Deus é o cosmo, o qual “é uno, Deus, superior entre os deuses e os homens, nem por figura nem por pensamento, semelhante aos homens”.

*Deus tudo vê, tudo pensa, tudo ouve; mas sem esforço, com a força de sua mente, tudo faz vibrar.*

Deus permanece sempre igual no mesmo lugar, sem se mover de modo algum pois não lhe é próprio andar ora num lugar, ora noutro.

O ver, ou ouvir, o pensar e a omnipotente força são atribuídos a Deus, não n uma dimensão humana, mas sim numa dimensão cosmológica.

* Terra e água como princípios

Xenófanes pôs a **terra** como princípio: “tudo nasce da terra e na terra termina”; “todas as coisas que nascem e crescem são terra e água”. Estas afirmações não se referem ao cosmo inteiro, que não nasce, não morre e não entra em devir, mas sim à esfera da nossa terra.

A existência de fósseis marinhos nas montanhas é sinal de que houve uma época em que além de terra, existiu água nesses lugares.

Xenófanes critica a concepção antropomórfica dos deuses.

* Os Eleatas e a descoberta do ser
* Parménides e seu poema sobre o ser

Parménides de Eléia é o fundador da Escola eleática, é um pensador revolucionário e apresenta-se como um inovador radical. Com ele, a cosmologia recebe um abalo transformando-o numa ontologia (teoria do ser). No seu poema *Sobre a Natureza* descreve três vias de pesquisa dadas pela Deusa (Parménides põe a sua doutrina na boca de uma Deusa que o acolhe):

1. A da verdade absoluta
2. A das opiniões falazes
3. A da opinião plausível

**1ª Via:**

O grande princípio de Parménides é o próprio princípio da **verdade**. O ser é e o não-ser não é e não pode ser de modo algum.

Ser

Não ser

Um é o absoluto contraditório do outro: Dois princípios contraditórios

Negativo Puro

Positivo Puro

Tudo aquilo que alguém pensa e diz, é. Não se pode pensar (dizer) a não ser pensando (dizendo) aquilo que é. Pensar o nada significa não pensar de facto. Assim o nada é impensável e indizível.

*“Se existe o ser, é necessário que não exista o não-ser.”*

Este princípio constitui o pilar principal de toda a lógica do Ocidente. O ser é “não-gerado” e “incorruptível”. É não gerado visto que, se fosse gerado, deveria ter derivado de um não-ser, o que seria absurdo, dado que o não-ser não existe, ou então deveria ter derivado do ser, o que é igualmente absurdo, porque então ele já existiria. Por estas razões também é impossível que o ser se corrompa.

O ser não tem um “passado” porque o passado é aquilo que não existe mais, nem um “futuro” que ainda não existe, mas é “presente” eterno, sem inicio e sem fim. O ser é imutável e imóvel, porque a mobilidade e a mudança pressupõe um não-ser que se deveria transformar.

Ser é “todo igual”, é limitado e finito, no sentido de que é “completo” e “perfeito”.

A única verdade é o ser não-gerado, incorruptível, imutável, imóvel, igual, esferiforme e uno. Todas as outras coisas não passam de nomes vãos.

**2ª Via:**

O caminho da verdade é o da razão e o caminho do erro é o dos sentidos.

Os sentidos pareciam testar o não-ser, à medida que parecem testar a existência do nascer e do morrer, do movimento e do devir.

A deusa exorta Parménides a não se deixar enganar pelos sentidos e pelo hábito que eles criam, contrapondo aos sentidos a razão e o seu grande princípio.

Quem anda pelo caminho do erro são aqueles que afirmam que o não-ser existe e que crêem puder admitir juntos o ser e o não-ser e quem crê que as coisas passem do ser ao não ser e vice-versa.

Caminho do erro – resume todas as posições daqueles que admitem expressamente ou fazem raciocínios que expliquem o não-ser.

**3ª Via:**

 O terceiro caminho dado por Deus é o das “aparências plausíveis”. Segundo Parménides, o erro está em não se ter compreendido que os opostos se devem pensar como incluídos na unidade superior do ser.

Ambos os opostos são ser: “luz” e “morte”.

A “luz e a “morte” (e os contrários em geral) deviam perder qualquer carácter diferenciador e tornarem-se idênticas, precisamente porque ambas são ser e o ser é todo idêntico. O ser de Parménides não admite diferenciações quantitativas nem qualitativas.

* Zenão e o nascimento da dialéctica

Zenão, discípulo de Parménides, defende a teoria do mestre. Este aceitou de peito aberto as tentativas de ridicularizar Parménides, no entanto, usou um procedimento que consiste no facto de mostrar que os argumentos usados para refutar o seu mestre eram ainda mais contraditórios.

Refutação da refutação – demonstração por absurdo.

Mostrando o absurdo em que caiam as teses opostas ao Eleatismo, estava defendendo o próprio Eleatismo. Deste modo, Zenão fundou o método da dialéctica (refutar uma refutação). Os seus argumentos mais conhecidos são os que refutam o movimento e a multiplicidade.

* Os argumentos de Zenão contra o movimento

1º Argumento – Antes de alcançar a meta, tal corpo deve percorrer a metade do caminho que deve percorrer e antes disso a metade da sua metade e assim por adiante até ao infinito.

 “Da dicotomia”

2º Argumento – Aquiles, conhecido por ser “o pé veloz”, nunca poderá alcançar a tartaruga, conhecida por ser muito lenta. Caso se verificasse o oposto, se apresentariam as mesmas dificuldades do argumento anterior.

 “De Aquiles”

3º Argumento – Uma flecha lançada ao arco está em repouso. Em cada um dos instantes em que o tempo de voo é divisível, a flecha ocupa um espaço idêntico, logo está em repouso nesse espaço. Se esta em cada um dos instantes em repouso está na totalidade.

 “Da flecha”

4º Argumento – A velocidade é algo relativo e o movimento do qual é propriedade essencial, também é relativo e não objectivo.

Velocidade considerada como uma das propriedades essenciais do movimento.

* Os argumentos de Zenão contra a multiplicidade

1º Argumento - Para haver multiplicidade deveria haver muitas unidades pois a multiplicidade é precisamente multiplicidade de unidades. Mas o raciocínio (contra a experiencia e os dados fenomenicos) demonstra que tais unidades são impensáveis, porque comportam insuperáveis contradições, sendo absurdas, logo não podem existir.

2º Argumento – Negava a multiplicidade baseando-se sobre o comportamento contraditório que muitas coisas juntas têm em relação a cada uma delas.

* Melisso de Samos e sistematização do Eleatismo

Melisso sistematizou a doutrina eleática e corrigiu-a em alguns pontos. O ser deve ser infinito e uno (e não infinito como dizia Parménides), porque não tem limites temporais nem espaciais e se fosse finito tinha que derivar de um não-ser, o que é impossível.

Este ser uno infinito foi classificado por Melisso como “incorpóreo”, não no sentido de que é privado de qualquer figura que determine os corpos não podendo ter a figura perfeita de esfera como queria Parménides.

Ao contrário de Parménides, Melisso consiste na total eliminação do campo da opinião com um raciocínio: o hipotético múltiplo poderia existir apenas se pudesse ser como o ser uno.

Assim, o Eleatismo acaba na afirmação de um ser eterno, infinito, uno, igual, imutável, imóvel, incorpóreo e com a explícita e categórica negação do múltiplo. Apenas um ser privilegiado (Deus) poderia ser como o Eleatismo exige, mas não todo ser.

* Os físicos Pluralistas e os físicos Ecléticos

Empédocles – o primeiro dos pluralistas

Para Empédocles, o “nascer” e o “morrer” são impossíveis, porque o ser existe e o não-ser não existe.

Aquilo a que os homens chamaram com o nome de morte e nascimento são o misturar-se e o dissolver-se de algumas substâncias que permanecem eternamente iguais e indestrutíveis.

Água, ar, terra e fogo – A raiz de todas as coisas. São quatro elementos que dão origem à geração das coisas e separando-se dão origem à corrupção.

Mas que forças os unem e separam?

Empédocles introduziu as forças cósmicas do amor ou da amizade e do ódio ou da discórdia respectivamente, como causa da união e da separação dos elementos.

Tais forças predominam uma sobre a outra por períodos de tempo fixados pelo destino.

Amor – Reúnem em unidade

Ódio – Separam-se

O cosmo não nasce quando prevalece o Amor ou a Amizade, pois a predominância tal dessa forma faz com que os elementos se reúnam formando uma unidade compacta “Esfero”.

Quando prevalece o ódio os elementos ficam completamente separados e neste caso as coisas e o mundo não existem.

O cosmo e as coisas do cosmo nascem nos dois períodos de transição, que vão do predomínio da amizade ou da discórdia e, depois, do predomínio da discórdia ou da amizade.

* Os processos cognoscitivos

São muito interessantes as reflexões de Empédocles sobre a constituição dos organismos, de seus processos vitais e, sobretudo, as suas tentativas de explicar os processos cognoscitivos.

Das coisas e dos seus poros saem eflúvios que atingem os órgãos dos sentidos, de modo que as partes semelhantes dos eflúvios provenientes das coisas: o fogo conhece fogo, a água conhece água, e assim por adiante.

* Os destinos do homem

A alma do homem é um demónio que foi banido do Olimpo por causa de sua culpa originária, e jogado à mercê do ciclo dos nascimentos, sob todas as forças de vida, para expiar a sua culpa.

No poema, dá as normas de vida aptas para purificar e libertar-se do ciclo das reencarnações, e para retornar entre os deuses, “das humanas dores libertados, indemnes, inviolados”.

* Anaxágoras de Clazómenas: a descoberta das “homeomerias” e da Inteligência ordenadora

Anaxágoras declara-se perfeitamente de acordo sobre a impossibilidade de que não-ser exista e, portanto, de que “nascer” e “morrer” constituam eventos reais. Coisa alguma nasce e morre e a partir das coisas que existem produz-se um processo de divisão e composição.

Morrer: dividir-se

Nascer: Compor-se

Estas coisas que existem e ao morrer e nascer se dividem e compõe não podem ser apenas as 4 raízes de Empédocles.

As “sementes” dos quais derivam todas as coisas deveriam ser quantas tantas são as inumeráveis quantidades das coisas, são precisamente sementes variadas.

Sementes – são o originário qualitativo pensado eleaticamente como eterno e imutável. Estes originários são cada um, o uno. Tais sementes não são apenas infinitas em número tomadas em seu conjunto (infinitas qualidades), mas também infinitas quando tomada cada uma separadamente, ou seja, é infinitas também em quantidade: não têm limites na grandeza nem na pequenez, porque podem ser divididas ao infinito sem que a divisão chegue a um limite, ou seja, sem que chegue ao nada. Constituíam a massa em que tudo era “misturado junto”, logo nenhuma se distingue.

O filósofo Clazómenas tentava salvar a imobilidade tanto quantitativa como qualitativa.

- Nada vem do nada nem vai para o nada, mas está sempre no ser.

Inteligência cósmica: o movimento que faz nascer as coisas a partir de uma mistura caótica é por inteligência divina.

É ilimitada, independente e não misturada a alguma coisa, encontra-se apenas a si mesma. As coisas misturadas seriam um obstáculo para ela, de modo que não teria poder sobre alguma coisa como tem encontrando-se a si mesma. É a mais subtil e a mais pura de todas as coisas e possui plano de tudo e força imensa.

Todas as coisas que têm vida são dominadas pela inteligência.

**Intuição** de um principio que é a mais pura e subtil das coisas, igual a si mesma, inteligente e sábia.

Alcançamos um refinamento notável do pensamento dos pré-socráticos.

* Leucipo, Demócrito e o atomismo

A última tentativa de responder aos problemas propostos pelo Eleatismo, permanecendo no âmbito da filosofia da *physis*, foi realizada por Leucipo e Demócrito, com a descoberta do conceito de **átomo**.

Os atomistas reafirmaram a impossibilidade do não-ser, sustentado que o nascer nada mais é do que um agregar-se de coisas que existem e o morrer o desagregar-se (separar-se) dos mesmos.

Corpos invisíveis pela pequenez e volume.

Tais corpos são indivisíveis e por isso são átomos (indivisível)

Não divisível, imutável e indestrutível.

Estes átomos estão mais próximos do ser eleático do que das quatro “razões” e das sementes ou das homeomerias de Anaxágoras.

ÁTOMOS:

- São um ser pleno e são diferentes entre si apenas na forma ou figura geométrica e como tais mantêm ainda a igualdade do ser eleático.

- Forma originária: átomo – forma (forma indivisível).

- O átomo diferencia-se dos outros átomos pela figura e pela ordem e posição, podendo estas variar ao infinito.

- Para o átomo ser pensado tem que existir o “vazio”. Sem ele os átomos não poderiam diferenciar-se nem mover-se.

- Não é perceptível pelos sentidos mas pela inteligência.

- Os atomistas procuraram superar a grande aporia eleática, buscando salvar ao mesmo tempo a “verdade” e a “opinião”, ou seja, os “fenómenos”. A verdade é dada pelos átomos, que se diversificam entre si somente pelas diferentes determinações geométrico-mecânicas, bem como do vazio.

- Os vários fenómenos ulteriores e as suas diferenças derivam do diferente encontro dos átomos e do encontro posterior das coisas por eles produzidas com os nossos sentidos.

* O movimento dos átomos, a génese dos mundos e o mecanicismo
1. Movimento caótico, com os voltes em todas as direcções dados pela poeira atmosférica que se vê nos raios de sol que se filtram através da janela;
2. Movimento em vórtice, que leva os átomos semelhantes a se agregarem entre si e os diversos átomos a se disporem de modos diversos, gerando o mundo;
3. Movimento dos átomos que se libertam de todas as coisas formando os eflúvios.

Os átomos são infinitos, também são infinitos os mundos que deles derivam diferentes uns dos outros. Todos os mundos nascem, se desenvolvem e depois corrompem-se para dar origem a outros mundos de forma cíclica e sem fim. Há átomos em certo sentido privilegiados aos quais Demócrito teria considerado divinos.

- O conhecimento deriva dos átomos que se dependem de todas as coisas entrarem em contacto com os sentidos.

Empédocles diz que os átomos semelhantes fora de nós impressionam os semelhantes que estão em nós, de modo que o semelhante conhece o semelhante. Mas, Demócrito insistiu também na diferença entre conhecimento sensorial e conhecimento inteligível: o primeiro dá-nos apenas a opinião, ao passo que o segundo nos dá a verdade.

Este diz que é na alma que está a raiz da felicidade ou da infelicidade.

* A involução em sentido eclético dos últimos físicos e a volta ao monismo
* Diógenes de Apolónia

Diógenes sustentou a necessidade de retornar ao monismo do princípio, porque, em sua opinião, se os princípios fossem muitos e de natureza diferente entre si, não se poderiam misturar nem agir um sobre o outro. É necessário que todas as coisas nasçam por transformação a partir do mesmo princípio. Esse princípio é “**ar infinito**”, mas é “dotado de muita inteligência”.

A nossa alma é o ar-pensamento que respiramos, e que se exala como último suspiro, quando morremos.

Identificou a inteligência com o princípio ar.

* Arquelau de Atenas

Arquelau também falava de “ar infinito” e de “inteligência”. Era identificado como “mestre de Sócrates”.

Caricaturou Sócrates nas nuvens, e as nuvens são precisamente ar, Sócrates desce das nuvens e invoca as nuvens, isto é, ar.

3ª PARTE: A Sofistica e o deslocamento do eixo da pesquisa filosófica do cosmo para o homem

* Origens, natureza e finalidade do movimento sofista
* Significado do termo “sofista”

“Sofista” significa sábio, e precisamente sábio em cada um dos problemas que dizem respeito ao homem e à sua posição na sociedade.

A acepção do termo, que em si mesma é positiva, tornou-se negativa sobretudo pela tomada de posição fortemente polémica de Platão e Aristóteles.

O movimento sofista foi desvalorizado e considerado predominantemente como momento de grave decadência do pensamento grego. Somente no século XX foi possível uma revisão sistemática desses juízos e, consequentemente, uma radical reavaliação histórica dos sofistas.

* Deslocamento do interesse da natureza para o homem

Os sofistas operaram verdadeira revolução espiritual (deslocando o eixo da reflexão filosófica da *physis* e do *cosmo* para o homem e àquilo que concerne à vida do homem como membro de uma sociedade) e , portanto, centrando os seus interesses sobre a ética, a política, a retórica, a arte, a língua, a religião e a educação, ou seja, sobre aquilo a que hoje chamamos a cultura do homem. Os sofistas iniciaram um período humanista da filosofia antiga.

* Mudanças sociopolíticas que favoreceram o nascimento da Sofística
1. Crise da aristocracia, que implicou também a crise da antiga *areté*, os valores tradicionais, que eram precisamente os valores apreciados pela aristocracia; e o crescente poder do povo que fez desmoronar a convicção de que *areté* estivesse ligada à nascença;
2. O fluxo cada vez mais maciço de estrangeiros às cidades, especialmente Atenas, com a ampliação do comércio;
3. A difusão dos conhecimentos e experiências dos viajantes, que levavam à inevitável comparação entre usos, costumes e leis helénicas, e usos, costumes e leis totalmente diferentes.
* Posições assumidas pelos Sofistas e suas avaliações opostas

Os sofistas souberam captar de modo perfeito essas instâncias da época conturbada em que viveram, sabendo explicitá-las e dar-lhes forma e voz. É deste modo que alcançaram tanto sucesso, especialmente entre os jovens, pois respondiam às reais necessidades do momento, propondo-lhes uma palavra nova pelo qual esperavam, já que estes não estavam satisfeitos com a actual.

* Os diversos grupos de Sofistas

Os sofistas constituíam grupos que visavam as mesmas finalidades com esforços independentes a fim de responder a algumas necessidades da época.

Quatro grupos de Sofistas:

1. Os grandes e famosos mestres da primeira geração que Platão considerou dignos de respeito;
2. Os “Erísticos” que perderam interesse pelos conteúdos e também perderam a reserva moral que caracterizava os mestres;
3. Os “político-sofistas”, que utilizavam as ideias dos sofistas em sentido “ideológico” para finalidades políticas caindo em excessos de vários tipos;
4. Uma escola particular de Sofistas, que não se identifica com a dos mestres da primeira geração, e tomou o nome de “naturalista”.
* Os mestres: Protágoras, Górgias, Pródico
* Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”

Foi fundador do “relativismo” ocidental, que ele expressou na célebre fórmula “o homem é medida de todas as coisas, das que são por aquilo que são e das que não são por aquilo que não são”.

Por “medida”, Protágoras entendia a “norma do juízo”. Pretendia negar a existência de um critério absoluto que discrimine ser e não-ser, verdadeiro e falso. O único critério é somente o homem, o *homem individual*, é este que julga o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, consoante o seu modo de ver as coisas. Ninguém está no erro, estão todas com a verdade, a sua verdade.

* Os raciocínios opostos e o tornar mais forte o argumento mais fraco

O relativismo expresso no princípio do *homo mensura* foi um aprofundamento adequado na sua obra “As Antilogias”, que demonstra que em torno de cada coisa há dois raciocínios que se contrapõem.

Protágoras ensinava a “tornar mais forte o argumento mais fraco” o que não quer dizer que ensinasse a injustiça e a iniquidade contra a justiça e a rectidão, mas simplesmente, que ele ensinava os modos como, técnica e metodologicamente, era possível sustentar e levar à vitória o argumento que podia ser o mais fraco na discussão.

A “virtude” que Protágoras ensinava era exactamente essa “habilidade” de saber fazer prevalecer qualquer ponto de vista sobre a opinião oposta.

O sucesso dos seus ensinamentos deriva do facto de que os jovens consideravam que poderiam fazer carreira nas assembleias, tribunais, na vida política.

* O utilitarismo de Protágoras

Para Protágoras tudo é relativo: não existe um “verdadeiro” absoluto. Existe, entretanto, algo que é mais útil, mais conveniente e mais oportuno. O sábio é aquele que conhece esse relativo mais útil, mais conveniente e mais oportuno, sabendo convencer os outros a reconhece-lo e a pô-lo em prática.

O homem é medido em relação à utilidade.

Protágoras não soube dizer em que bases e em que fundamentos o sofista pode reconhecer tal “útil” sociopolítico. Para faze-lo, precisaria de ter escavado mais profundamente na essência do homem, para determinar a sua natureza.

* Górgias: o nilismo

Górgias foi o primeiro filósofo que procurou teorizar aquilo que hoje chamaríamos de “estética” da palavra e essência da poesia. A arte é moção de sentimento tal como a retórica, mas ao contrário dela, não visa a interesses políticos mas ao engano poético. Tal engano é a pura ficção poética em que quem engana age muito melhor do que quem não engana, pela sua capacidade criadora de ilusões poéticas e quem é enganado é mais sábio do que quem não é pela sua capacidade de captar a mensagem.

Górgias parte do nilismo para construir o edifício de sua retórica. O tratado sobre a natureza ou sobre o não-ser é uma espécie de manifesto do nilismo ocidental, baseando-se nas três teses seguintes:

1. Não existe o ser, ou seja, nada existe. O ser não pode ser “nem uno, nem múltiplo, nem incriado, nem gerado” e portanto, será nada.
2. Se o ser existisse, “não poderia ser cognoscível”. Existem coisas pensadas que não existem (como, por exemplo, a Quimera). Há, então, um divórcio e ruptura entre o ser e pensamento.
3. Mesmo que fosse pensável, o ser permaneceria inexprimível. A palavra, sendo um som, significa quando muito um som, mas não aquilo que deriva dos outros sentidos, como por exemplo uma cor ou um odor.

Esta doutrina toma o nome de “nilismo”, quanto põe o nada como fundamento de tudo.

A palavra, perdendo qualquer relação com o ser, não é mais veículo de verdade, mas torna-se portadora de persuasão e sugestão.

* Pródico e a sinonímia

Foi mestra na arte de discursar, e Sócrates chegou a recordá-lo jocosamente como “seu mestre”. A técnica que propunha baseava-se na sinonímia, ou seja, na distinção entre os vários sinónimos e na determinação precisa das nuances do seu significado.

No campo da ética, ficou famoso pela sua reinterpretação do mito de Hércules na encruzilhada, ou seja, diante da escolha da virtude ou do vantajoso.

A sua interpretação dos deuses foi originalíssima. Segundo Pródico, os deuses são a absolutização do útil e do vantajoso.

* Erísticos e Sofistas-políticos
* Os Erísticos

Alguns Sofistas, abusando da técnica da refutação, perderam-se na pesquisa de conceitos e da formulação de dilemas insolúveis, que chamamos de sofismas. Tais sofistas têm nome de “Erísticos”.

Cogitaram uma série de problemas que eram formulados de modo a prever respostas tais que fossem refutáveis em qualquer caso. Analisaram todo aquele arsenal de raciocínios capciosos e enganosos chamados de “sofismas”. Platão representa a Erística de modo perfeito em *Eutidemo*, mostrando todo o seu vazio.

* Os Sofistas-políticos

Derivam suas armas do nilismo e da retórica gorgiana.

Critías dessacralizou o conceito dos deuses, considerando-os uma espécie de espantalho habilmente introduzido por um homem político inteligente, para fazer respeitar as leis que, por si, não têm força para se impor.

Trasímaco afirmou que “o justo é a vantagem do mais forte”. E Cálicles chegou a sustentar que é por natureza justo que o forte domine o fraco, subjugando-o inteiramente.

São os resultados deteriorados da Sofística, a outra fase, mais autêntica e positiva, será revelada por Sócrates.

Maria Rita Nobre Rocha, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.